BILAC E FERNANDO PESSOA — UMA PRESENÇA BRASILEIRA EM “MENSAGEM”?

ARIANO SUASSUNA

Maria Aliete Dores Galhoz, grande especialista português na obra de Fernando Pessoa, afirma que êste é um “poeta-luso-brasileiro, não só pela receptividade alcançada em ambos os lados do Atlântico pela sua mensagem na língua comum, senão, ainda, pelo simbólico e voluntário exílio de Reis no Brasil”.

Apesar de não ser um especialista em crítica ou história literária, desejo alinhar aqui algumas considerações para sugerir que Fernando Pessoa talvez seja um poeta luso-brasileiro por motivo mais fundamental do que os dois por ela apontados: é que, ao que tudo indica, a parte quase-épica, celebrativa e nacional de sua obra — o poema “Mensagem” — teve, entre outras, uma gênese brasileira, através do poema “Sagres”, de Olavo Bilac.

Não se trata aqui, é claro, de reivindicar prioridades nacionais, nem de diminuir a importância e a originalidade da obra de Fernando Pessoa, nem de medir ridículamente, para compará-los, os respectivos tamanhos dos dois poetas. Já está mais do que esclarecido pela crítica que o fato de receber influências só diminui a importância dos poetas que não têm nenhuma; além disso, mesmo que Bilac fôsse um poeta sem importância, há inúmeros casos de grandes artistas que receberam influência de outros menores do que êles: bastaria citar, no caso de uma arte plástica, a influência de Monticelli em Van Gogh, e, no da literatura, da novela picaresca em Cervantes; parece mesmo que o normal é o gênio ser, ao mesmo tempo, a soma e a culminância de uma série de influências anteriores que preparam a grande obra e que, fornecendo uma

porção de pequenas visões, permitem finalmente a grande síntese, a Visão profética e pronunciadora, que olha o futuro como fermento do passado e que só assim pode superar a voz individual para se tornar voz do seu povo e da humanidade. Vou mesmo mais longe, a propósito dêsse capítulo das influências: creio que toda obra que entusiasme ou simplesmente toque um escritor ou um artista, o influencia. Se êle é apenas um colecionador de ressonâncias, sua obra será uma colcha de retalhos onde se distinguem claramente tôdas as vozes que ouviu; mas se possui uma personalidade original, tudo o influencia, mas apenas no sentido de revelar a si mesmo virtualidades que se encontravam dentro de si, talvez adormecidas mais presentes; a voz que êle escutou e que o entusiasmou será fundida no cadinho particular que todo verdadeiro artista ou poeta possui; e, como dizia Montaigne, das abelhas, com o porem bebido em tôdas flôres, êle termina por fabricar o mel que é somente seu.

No caso particular de Fernando Pessoa isso é tanto mais verdade porquanto parece que foi a resposta dêle que disseram, com muita justeza, que “se recebia influências de todo mundo era porque tinha o mundo inteiro dentro de si” — frase que se poderia aplicar a qualquer dos grandes poetas de qualquer país e especialmente àquêles que, como disse antes, superam a voz individual para assumir a nacional e, através dela, a da humanidade.

Não estou afirmando que Bilac seja um desses; penso que nem mesmo Fernando Pessoa atingiu êsses ares puros do alto, que só os de Homero, de Cervantes, de Dante, de Shakespeare. As águas em que navegamos agora, as de “Sagres” e de “Mensagem” são bem menos épicas do que as “marítimas águas consagradas” de Camões. O que me interessa sugerir, entretanto, é que tanto Bilac como Pessoa esboçaram uma saída das suas vozes particulares e individuais, transcendendo o círculo de suas dores pessoais através de uma poesia quase-mítica, tradicional e nacional. Fernando Pessoa, ao fazer isso, tinha seu lastro a um tempo histórico e poético no grande poema marítimo que é o poema nacional de sua pátria; mas Bilac, antes dêle, já tinha recriado míticamente a História marítima portuguêsã, levado, no seu tradicionalismo, pela verdadeira obsessão que sentia por Portugal — fez isso escolhendo com

seu herói um dos heróis que iriam reaparecer na “Mensagem” de Fernando Pessoa.

A muitos, pode parecer estranho que um poeta nacionalista brasileiro tenha escolhido para seu tema um personagem português, como o Infante Dom Henrique; o fato, porém, não tem nada de estranhável, porque para todo nacional-tradicionista brasileiro, o Brasil começa com Portugal, é-lhe ainda umbelicalmente ligado, e o mundo da língua portuguêsã guarda ainda hoje dentro de si uma unidade de sangue. É por isso que, ao cantar o Infante Dom Henrique, Bilac devia escutar, pulsando dentro de si, o mesmo sangue que se exaltava à inovação de Fernão Dias Paes Leme. É também por isso que nós sentimos, como originais, autênticos, nacionais e pessoais, êsses dois cantos que êle dedicou ao Sertanista e ao Navegador, e, como literários e livrescos, os sonetos que, talvez por influência de Heredia e de outros parnasianos, dedica a Cleópatra, Nero ou Messalina. Já os que êle dedica a Édipo, porém, talvez pelo significado mítico e humano da figura, atinge um nível mais alto, mais puro e mais profundo.

Aliás, em Bilac, essa preocupação de transcender suas dores individuais através da História e do mito já estava presente, por um todo, na magistral tradução que fez do poema “O Cavaleiro Pobre”, de Púshkine, e por outro no soneto dedicado aos Cruzados; assim como seu nacionalismo luso-brasileiro o impulsionaria a cantar Anchieta, o Padre Voador, as Índias e o Brasil. Todos êsses poemas quase-épicas preparam “O Caçador de Esmeraldas” e “Sagres”. Na verdade, um de meus objetivos principais, ao empreender as presentes sugestões, é mostrar que Bilac não é, absolutamente, um poeta sem importância. Mais ainda: comumente, quando se fala de Bilac, salienta-se a maior qualidade de seus poemas líricos, eróticos e pessoais, acusa-se de frieza cerebral a segunda parte de sua obra, exatamente aquela onde, através de alguns poemas, êle beira o épico, através de uma poesia tradicionalista e coletiva, de caráter heróico e nacional. Essa superioridade do Bilac lírico dos primeiros versos sobre o segundo é uma opinião corrente e dá-se o favor do público como prova de seu acêrto. Dispensando-me de citar outros, resumo aqui essa opinião com o seguinte texto de nosso grande Manuel Bandeira, o qual, em

“Apresentação da Poesia Brasileira” diz sobre a publicação das “Poesias” de Bilac: “O sucesso do livro foi imediato. Mas só em 1902 dá o Poeta uma segunda edição da obra, aumentada de novas partes: “Alma Inquieta”, “As Viagens”, “O Caçador de Esmeraldas”. Não se ultrapassou nelas. O esforço mais considerável estava no último poema”.

Por êsse texto, vê-se que a nosso grande poeta Manuel Bandeira — que é também um admirável crítico de poesia — passou despercebida a beleza do poema “Sagres”, o qual, fazendo parte de “As Viagens”, é, a meu ver, superior a “Caçador de Esmeraldas” e supera, de muito, o Bilac lírico. Recebi, quando adolescente, a influência dêsse Bilac mítico e épico, que ainda hoje considero o melhor Bilac, que não rengo e que, a meu ver, influenciou o grande Fernando Pessoa para escrever “Mensagem”.

Dir-se-á: no caso, talvez se trate, antes, de influências de outros poetas que repercutiram ao mesmo tempo em Bilac e em Fernando Pessoa. Mas o fato é que, ao escreverem “Sagres” e “Mensagem”, Bilac e Pessoa, pela própria natureza do assunto, encontraram-se, com Dom Henrique, sós diante do Mar, dêsse mundo a um tempo terrestre, marinho e mítico que é o mundo luso-brasileiro; para guiá-los só tinham o farol do Ôlho Vidente de Camões, pelo que julgo improcedente a alegação que porventura se fizesse neste sentido. Uma coisa porém devo confessar: não possuo nenhum dado de fato para afirmar a influência de “Sagres” na gênese de “Mensagem”. Digo, porém, que se não houve essa influência direta, estamos diante do maior caso de coincidência da literatura luso-brasileira.

Vejamos, em primeiro lugar, as poucas datas e os poucos fatos que possuo em apôio de minha convicção. “Sagres”, o poema de Bilac, é de 1898 e foi publicado em livro em 1902, conforme esclarece a nota já citada de Manuel Bandeira. Se é verdade, portanto, o que tantas coincidências de forma e conteúdo me fazem crer, não há dúvida quanto à questão da precedência, pois, a maioria dos poemas de “Mensagem” é de 1928 e 1934. O mais antigo deles, único escrito nesse tempo — pois o mais antigo que se lhe segue imediatamente é de 1918, — é o poema dedicado a “Dom Fernando, Infante de

Portugal”, de 1913. Ora, em 1912, Bilac realizou um dos sonhos de sua vida, que era ir a Portugal; fêz conferências e leu versos em Lisboa. Não tenho dados para afirmar que Fernando Pessoa — que então estava em Lisboa — tivesse ouvido o “Sagres” em alguma leitura pública ou lido o livro de Bilac, mas bem pode indicar o fato de ter o poeta português escrito seu primeiro poema nacional e tradicionalista no ano que se seguiu à visita de Bilac a Lisboa. Aliás, a idéia da “organização de um núcleo de poemas de sentido místico-nacionalista” se formou provavelmente em 1913 na alma de Fernando Pessoa, conforme acentua Maria Aliete Dores Galhoz. E se nada nos autoriza a afirmar, também nada nos obriga a negar que tenha sido ouvindo “Sagres” que ela se formou no subconsciente do íbis português de chapéu negro.

Na verdade, o grande tema de “Mensagem” é a febre de Além, a visão, o Sonho, a loucura que impele os homens a enfrentar um Destino superior a suas forças. Em todo o poema perpassa a idéia de que um poder superior e divino enlouquece o homem, através da Visão, para que o Herói, elevando-se pela vontade e pela loucura à altura de um dever superior, tenha as forças necessárias para enfrentar o Fado, incarnado em várias figuras, das quais as mais comuns são o Mar, o Mostrengo, o Cabo do Assombro, o Segrêdo, o Enigma. Fernando Pessoa acentua tudo isso pelo modismo das maiúsculas, dando a elas um valor que é, ao mesmo tempo, gráfico e simbólico. O Encoberto — que, como a “Rosa” de Yeats, tem um sentido ao mesmo tempo nacional e místico — se revelará pela façanha, empreendida pelos heróis, de vencer o Invencível. Por isso, só os loucos, os santos, os visionários, os castos e os profetas — como Dom Sebastião, como o Bandarra, como Antônio Vieira (com seu sonho do Quinto Império) — têm a coragem necessária para a Empresa impossível de enfrentar o Monstro Mundo por mar e tentando decifrar o Enigma. O preço que todos pagam é a solidão e mesmo a insensatez, ainda mais porque estão votados à derrota; mas não importa: se tentaram, venceram e seu aniquilamento não é senão a prova de sua grandeza; se êles empreenderam o Impossível foi porque tinham sido capazes de ouvir a voz dos deuses: por isso, depois de mortos, serão consagrados e ungidos como heróis divinos e suas vozes irão suscitar outros heróis que

novamente partirão para vencer o Mar, decifrar o Segrêdo e revelar o Encoberto.

Pois bem: tudo isso, tôda essa idéia central de "Mensagem", já aparecia no poema "Sagres", de Bilac, inclusive com o modismo do valor simbólico das maiúsculas que dão ao mar, por exemplo, o sentido de Monstro-Mundo a vencer como figura do Fado ou do Destino: "tu, mortal, tu, pequenino, vences o Mar Tenebroso, ficas senhor do Destino", diz Bilac do Infante Dom Henrique.

Aliás, Dom Henrique, de certa forma, resume, sòzinho, o caráter dêesses loucos de gênio que, exatamente por serem de substância superior, se elevam acima da medida humana e preparam a Decifração do Segrêdo: casto, severo, enlouquecido de coragem, sacrifica-se a si próprio e a sua família; seu sonho vai muito além: é o domínio do Mundo pelo Mar, do mundo simbolizado pelo globo que êle sustém nas mãos e cujo domínio é, por sua vez, simbolizado pela Esfera Armilar de Ouro. Esta Esfera Armilar foi a insígnia do Rei Venturoso, Dom Manuel, sob cujo reinado se daria a epopéia dos Descobrimentos. Foi dada como armas ao Principado do Brasil pelo primeiro Bragança reinante, Dom João IV; no século XVII; confirmada depois ao Reino do Brasil por D. João VI; e, finalmente, adotada por Dom Pedro I, continuou como insígnia heráldica do Brasil durante o Primeiro e o Segundo Impérios. Dom Henrique, com seus globos-mundos mapas e astrolábios, é (além do Herói que sacrifica, impassível, seu irmão, o Infante-Santo, às prisões mugulmanas), uma espécie de mago ou advinho medieval, colocado no limiar da Renascença, um Visionário que sonha, compelido pelos deuses, indo seu sonho fazer em relação ao mundo, o mesmo que os deuses em relação a êle: é seu sonho, sua Visão de gênio guerreiro e navegador, que novamente suscitará outros Heróis, fazendo saltar do Nada um mundo novo. É assim que Fernando Pessoa o vê:

Em seu trono, entre o brilho das esferas,
com seu manto de noite e solidão,
tem aos pés o mar nôvo e as mortas eras
o único imperador que tem deveras
o globo mundo em sua mão.

Mago medieval de chapéu alto — como no painel de Nuno

Gonçalves — assentado em seu trono, entre mapas, esferas e astrolábios, com o manto azul-negro da noite salpicado de estrêlas: é quase assim que o encontramos também no poema de Bilac. E, para que a coincidência fôsse ainda maior, Bilac, como brasileiro, liga as esferas que Fernando Pessoa vê no trono do Infante, à Esfera Armilar de ouro que os Braganças deram ao Principado, ao Reino e ao Império do Brasil:

Tu, que, casto, entre os teus sábios,
murchando a flor dos teus dias,
entre mapas e astrolábios
encaneces e porfias;

Tu, buscando o oceano infindo,
tu, apertado dos teus,
(para, dos homens fugindo,
ficar mai perto de Deus);

Tu, no agro templo de Sagres,
ninho das neves esbeltas,
reproduzes os milagres
da idade escura dos Celtas...

.....

Como o reflexo de um astro
cintila e a frota abençoã
no tope de cada mastro
o Sant'Elmo de Lisboa

E, alta já, de Moçambique
a Calicute, a brilhar,
olha, Infante Dom Henrique:
passou a Esfera Armilar!

Note-se: "para, dos homens fugindo, ficar mais perto de Deus". Essa idéia do homem superior que se afasta dos outros para se aproximar da Divindade, claramente presente nos versos de Bilac, é, como ressaltai, um tema muito caro a Fernando Pessoa. Um dos versos que resumem a idéia central de "Mensagem" é, por sinal, de um dos poemas dedicados a Dom Henrique:

Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.

Essa Divindade, Fernando Pessoa a personifica ora no Deus meio-cristão meio-grego de seu monoteísmo, ora nos anjos, ora nos deuses inumeráveis de seu neo-paganismo. Em todos

os casos, porém, é sempre uma força superior e divina que impele o homem a se elevar acima de si mesmo. Já nas “Odes de Ricardo Reis”, num poema de 1914 — isto é; escrito um ano após o mais antigo poema de “Mensagem” e dois anos após a viagem de Bilac a Lisboa — êle escrevia:

Anjos ou deuses, sempre nós tivemos
a visão perturbada de que acima
de nós e compelindo-nos
agem outras presenças.

Estas presenças, com seu influxo divino, compelem o homem ao Dever, a cumprir o Destino; mesmo ao falhar, o fato de ter ouvido a voz da Tentação e empreendido a Tarefa insana, dá ao homem a dignidade real e divina a que só os heróis têm direito. É assim que Fernando Pessoa fala, no poema dedicado a Dom Duarte, Rei de Portugal:

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.
A regra de ser Rei almou meu ser,
em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumpri contra o Destino o meu dever.
Inútilmente? Não, porque o cumpri.

No poema de Bilac, está presente essa mesma idéia central: os deuses impelindo o Herói a enfrentar o Destino e consolando-o da derrota inevitável com a idéia de que seu Sonho continuará e de que o simples fato de ter lutado já é a vitória. Tudo isso, como ressaltai, com o mesmo modismo das maiúsculas a que o predispunha a herança seiscentista portuguêsã e a poesia do barroco brasileiro, e que — no caso de ter havido menos a influência, nos sugere que F. Pessoa não só ouviu como “viu” os seguintes versos de Bilac:

Entre os zimbros e a névoa, entre o vento e a salsugem,
a voz incompreendida, a voz da Tentação,
canta ao surdo bater dos macarêus que rugem:
.....
“Vê como a noite está cheia
de vagas sombras... Aqui,
deuses pisaram a areia
hoje pisada por ti.

E, como êles, poderoso,
tu, mortal, tu, pequenino,
vences o Mar Tenebroso,
ficas senhor do Destino!”

.....
Não verás, com o olhar em chama,
abrir-se no oceano azul,
o vôo das náus do Gama,
de rostros feitos ao sul...

Que importa? Vivo e ofegando
no ofêgo das velas sôltas,
teu sonho estará cantando
à flôr das águas revôltas.

Como se vê, em Bilac e em Fernando Pessoa é a mesma idéia: a voz da Tentação impele o herói a vencer o Mar Tenebroso, com o que ficará senhor do Destino; e se não vê realizada a tarefa, o Sonho continuará no ofêgo das velas sôltas. É que êsse mago e navegador é o mesmo guerreiro que, por sua castidade, fortaleza e divina insensatez, plasmou a alma de Portugal no brilho de seu Gládio. A imagem do Herói forjando a Obra-Portugal com a espada, que assume também um caráter mítico, depois é “Excalibur,” sagrada que aparece frequentemente em “Mensagem”. Temos, por exemplo, no poema sobre o Conde Dom Henrique essa idéia de luta consumada através da Espada mítica:

Todo comêgo é involutário.
Deus é o agente.
O herói a si assiste,vário
e inconsciente.

A espada em tuas mãos achada
teu olhar desce.
“Que farei com esta espada?”

Ergueste-a e fez-se.

Também noutro poema — aquêlê mesmo poema de 1913 e dedicado a Dom Fernando, Infante de Portugal e irmão de Dom Henrique, — diz Fernando Pessoa:

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça
e sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça...
E esta febre de Além, que me consome,
e êste querer grandeza são seu nome
dentro em mim a vibrar.

E, para acrescentar ainda uma reiteração da imagem, eis uma estrofe do poema de “Mensagem” sobre Nunálvares:

Esperança consumada,
São Portugal em ser,
ergue a luz da tua espada
para a estrada se ver!

Vejamos o mesmo tema em “Sagres” de Bilac, destacando, ao mesmo tempo, a constante idéia da insensatez sobrehumana, da castidade, da fortaleza, da impossibilidade, do Herói que consome sua grandeza através do desbarato, com o Montante mítico, com o Gládio sagrado, com a Exacalibur que forja alma portuguesa:

Forte, em Ceuta, ao clamor dos pífanos de guerra,
.....
viram-no levantar, imortal e brilhante,
entre os raios do sol, entre as nuvens doppó,
a alma de Portugal no aceiro do montante.

Em Tânger, na jornada atroz do desbarato,
duro, ensopando os pés em sangue português,
empedrado na teima e no orgulho insensato,
calmo, na confusão do horrendo desenlace,
vira partir o irmão para as prisões de Fez,
sem um tremor na voz, sem um tremor na face.

É que o Sonho lhe traz dentro de um pensamento
a alma tôda cativa.

“Em Tânger, na jornada atroz do desbarato”; “É que o Sonho lhe traz dentro de um pensamento a alma tôda cativa”: se eu não temesse aventar definitivamente, sem apôio em dados de fato, a idéia central que dirige êste ensaio, diria que bastariam êsses versos para provar que “Sagres” foi a gênese mais direta de “Mensagem”. Não é só essa idéia do sonho que empolga, cativa e obseda a alma tornando o sonhador ao mesmo tempo um insensato e um herói; não é só o modismo das maiúsculas que transfigura o sonho em Sonho e o destino em Destino; é isso e é mais ainda um certo giro barroco do verso para conseguir uma espécie de dureza na expressão, um engaste de diamante em que o pensamento é, ao mesmo tempo, claro e duro; e para observar o paralelismo evidente, é bastante colocar ao lado do verso de Bilac, um de Fernando Pessoa:

Empedrado na teima e no orgulho insensato
é que o Sonho lhe traz dentro de um pensamento
a alma tôda cativa.

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
qual a Sorte a não dá.

O Dom Henrique de Bilac e o Dom Sebastião de Fernando Pessoa são ambos portadores da fortaleza, da calma, do “orgulho insensato”: sonhadores insensatos, “empedrados” em sua teima, são aniquilados pela própria grandeza. Mais do que pelos areais africanos, são mortos pelo fogo da Visão que os devora por dentro como o abutre a Prometeu. É assim, pelo menos, que Bilac fala:

A alma de um sonhador
guarda em si mesma a terra, o mar, o firmamento.
e, cerrada de todo à inspiração de fora,
vive como um vulcão, cujo fogo interior
a si mesmo imortal se nutre e se devora.

Nesses versos de Bilac temos uma idéia que é, ao mesmo tempo, cara ao pensamento grego e a Fernando Pessoa, o neopagão: essa de a visão humana capturar em seu sangue o Mundo hostil, a Necessidade cega e indiferente, captando dentro de si, para domá-lo, o monstro-mar, o Caos informe e sem sentido ao qual o homem às suas custas tem de impor, um significado, para salvar-se, o que êle só consegue empreendendo a decifração do Segrêdo. Aliás, como veremos adiante, é a OEdipo, figura eterna do homem ante o Monstro e o Enigma, que Bilac comete para o Herói Navegador que êle põe diante do mar, a Esfinge. É impellido pela mesma idéia que Fernando Pessoa fala nos mêdos do Mar Anterior. É por isso que a ambos Portugal aparece como um comêço, uma praia, na qual o herói, pôsto sôbre um promontório e diante do Monstro — que é o mar — fita nele os olhos, de braços cruzados, sonhando com o dia em que há de rendê-lo e domá-lo a essa figura do Caos invencível. Assim fala Fernando Pessoa de Dom João II:

Braços cruzados, fita além do mar,
Parece em promontório uma alta serra —
o limite da terra a dominar
o mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário
 enche de estar presente o mar e o céu
 e parece temer o mundo vário
 que êle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Ora, tôdas essas imagens já se encontravam no poema de Bilac. A solidão do Herói, a idéia do limite do mundo representado pela orla da praia, o vulto do Sonhador sôbre um promontório — imagem do mundo, da praia, da ribanceira onde o homem foi um dia arremessado — o desejo de rasgar o Véu do segrêdo, seu pressentimento de que para além das águas do Monstro pagão de cabeleira anilada existem reinos ou terras novamente marcadas com o Sêlo cristão e divino, tudo isso já estava em “Sagres”:

Retorcem-se, gemendo, os zimbros sôbre a areia...
 E, impassível, opondo ao mar o vulto enorme,
 sob as trevas do céu, pelas trevas do mar,
 berço de um mundo novo o promontório dorme.

Só, na trágica noite e no sítio medonho,
 inquieto como o mar sentindo o coração,
 mais largo do que o mar sentindo o próprio sonho,
 sorvendo a ventania e espiando a escuridão,

queia como um fantasma o Infante Dom Henrique.
 Quem sonda êsse abismo e romperá êsse véu?
 “Mar Tenebroso! aqui recebes, porventura,
 a síncope da vida, a agonia da luz?...
 Começa o Caos aqui, na orla da praia escura?”

É a mortalha do mundo a bruma que te veste?
 Mas não ! por trás da bruma, erguendo ao sol a Cruz,
 vós sorrídes ao sol, Terras Cristãs do Preste!

Promontório Sagrado! Aos teus pés, amoroso,
 chora o monstro... Aos teus pés todo o grande poder,
 tôda a fôrça se esvai do Oceano Tenebroso...
 Que ansiedade lhe agita os flancos? Que segrêdo?

Êsse verso de Bilac, “começa o Caos aqui na orla da praia escura” parece, sem dúvida, do Fernando Pessoa de “Mensagem” ou do Ricardo Reis das “Odes”. Outra coincidência curiosa: no poema de Bilac, o “vulto enorme” que olha o mar é ao mesmo tempo o Promontório Sagrado, Portugal e o próprio Herói, Dom Henrique. Assim termina “Sagres”:

O Infante, a meditar,
 Como um fantasma segue entre as rochas abruptas...
 E, impassível opondo ao mar o vulto enorme,
 fim de um mundo sondando o deserto do mar,
 berço de um mundo novo — o promontório dorme.

Aliás, no subconsciente de Bilac, na noite criadora de sua visão, parece que boiava, informulado, durante a sua concepção e feitura, o poético jogo de palavras “agro templo de Sagres” e “Sagrado”. Pois bem: no poema de Fernando Pessoa, também informulado — mas dessa vez, a meu ver, pela presença inconsciente do poema brasileiro — boia a mesma idéia, sugerindo outra associação poética entre “Sagres”, e a “Sagração” que êle vê Deus conferindo a Dom Henrique, herói infante e Navegador, para que êle fôsse capaz de rasgar o véu e vencer o Escuro do mundo:

Deus quis que a terra fôsse tôda uma,
 que o mar unisse, já não separasse.
 Sagrou-te e foste desvendando a espuma.

Também em Fernando Pessoa o “vulto” que enfrenta o mar é ao mesmo tempo o Herói — no caso dele Dom João II — e ao mesmo tempo Portugal, o Promontório. No primeiro poema de “Mensagem” diz Fernando Pessoa que a Europa,

fita, com olhar esfíngico e fatal,
 o Ocidente, futuro do passado.
 O rosto com que fita é Portugal.

Para acrescentar mais uma ressonância bilaquiana no poema de Pessoa, devo dizer que êsse olhar esfíngico do semi-deus bifronte Terra-Herói também está no “Sagres”; em ambos aparece com escopo de desvendar a espuma, de rasgar a bruma, o véu do mar-esfinge que o desafia. Vimos isso em Fernando Pessoa, vejâmo-lo agora em Bilac:

Verás dêstes mares largos
 dissipar-se a cerração!
 Aguça os teus olhos, Argus,
 tomará corpo a visão...

Sonha afastado da guerra,
 de tudo ! — em tua fraqueza,
 tu, dessa ponta de terra,
 dominas a natureza!

Na escuridão que te cinge,
OEdipo! com altivez,
no olhar da líquida esfinge
o olhar mergulhas e lés.

Diante dessas evocações de Bilac a OEdipo, à Esfinge, a Argus e ao Caos, somos tentados a dizer que não é por acaso que Fernando Pessoa evoca os “olhos gregos” da Europa, ou fala em “olhar esfíngico e fatal”, ou dá a Vasco da Gama o nome de “Argonauta”, ou ainda, a propósito de Bartolomeu Dias, evoca Atlas, mostrando, alto, o mundo no seu ombro. Aliás, neste último poema, Fernando Pessoa dá outra imagem muito cara à Musa que o possuía a de que os cabos — como o Cabo das Tomentas — os areais morenos da África, fincados de padrões, são etapas vencidas pelo homem na luta contra o monstro, o segrêdo, o assombro, o mar tenebroso do mundo:

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
o Capitão do Fim, Dobrado o Assombro,
o mar é o mesmo: já ninguém o tema!
O esforço é grande, o homem é pequeno.

No mesmo sentido encontramos o verso de Bilac no qual a voz da Tentação diz a Dom Henrique que, mortal, verá vencido o Cabo, a “ponta encantada”, senão por êle, Herói aniquilado pelo da própria alma consumido pelo fogo da própria alma e aniquilado pela grandeza da Tarefa empreendia, pelos outros heróis suscitados por seu Sonho divino:

Tu, mortal, tu, pequenino,
vences o Mar Tenebroso,
ficas senhor do Destino!
Vencida a ponta encantada
do Bojador, teus heróis
pisam a África, abrasada
pela inclemência dos sóis

Em “Mensagem”, a Distância é o desafio supremo ao homem. Por isso, a prece que o Herói faz à Divindade é a seguinte:

Dá o sôpro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —,
com que a chama do esforço se remoça,
e outra vez conquistemos a Distância
do mar ou outra, mas que seja nossa!

Morto no areal, como Dom Sebastião, ou consumido pelo fogo interior, como Dom Henrique, o Sonho divino do herói é que o salva e lhe dá permanência: com uma Nau que foi destruída na luta contra o monstro, o Herói será recolhido ao derradeiro pôrto, o pôrto sagrado e Divino, a que teve ingresso pelo sonho:

Que importa o areal e a morte e a desventura
se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
é Esse que regressarei.

É por isso que no poema de Bilac a voz da Tentação, apesar de reconhecer que os heróis de Dom Henrique já dominam os areais africanos, impele-o mais para diante ainda, dizendo:

Não basta! Avante! Tu, morto
em breve, tu, recolhido
em calma ao último pôrto,
— pôrto da paz e do alvido,

não verás, com o olhar em chama,
abrir-se no oceano azul
o vôo das naus do Gama,
de rostros feitos ao sul...

Que importa? Vivo e ofegando
no ofêgo das velas sôltas,
teu sonho estará cantando
à flor das águas revôltas.

Novamente temos que voltar a Fernando Pessoa, porque não pode ser simples resultado do acaso essa idéia do herói, aparentemente vencido, mas que apenas foi recolhido, como uma Nau heróica, ao último pôrto, êste divino. O poeta brasileiro pergunta: que importa a destruição? O sonho do herói continua vivo e ofegando no ofêgo de suas velas sôltas; de passagem lembro que essa idéia de que o Homem é uma Nau vagando no mar do Mundo, aparece, assim mesmo, numa poesia erigada de maiúsculas, nas canções e sonetos do barroco luso-brasileiro:

Se a Nau, o Sol, a Rosa, a Primavera,
Estrago Eclipse, cinza, ardor cruel,
sentes nos auges de um alento vago:
olha, cego mortal, e considera
que és Rosa, Primavera, Sol, Baixel,
para ser cinza, eclipse, incêndio, estrago.

Será o sonho da Nau heróica e vencida, recolhida ao úl-

timo pôrto, que, no poema de Bilac, viva no ofêgo das velas sôltas, continuará viva. Será êle que, junto aos deuses, passará, por sua vez, a impelir outros heróis à façanha impossível. Como no poema de Fernando Pessoa, é padrão a padrão que o esforço humano vai marcando o areal moreno do mundo e ninguém sabe afinal quem é maior, de onde mais se origina a destruição implacável: se do sol africano que abrasa de fora, se da febre de Além (de Fernando Pessoa) ou do “fogo interior, que, a si mesmo imortal, se nutre e se devora” (de Bilac). É assim que Fernando Pessoa fala de Diogo Cão:

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
êste padrão ao pé do areal moreno
e para diante naveguei

.....
A cruz ao alto diz que o que me há na alma
e faz a febre em mim de navegar
só encontrará de Deus na eterna calma
o pôrto sempre por achar.

Êsse é o Destino do herói, cuja sêde interior só em Deus pode ser saciada. Sua sorte é marcada pelo aniquilamento inevitável, mas só quanto a êle, como pessoa: o Dedeber porém foi cumprido e a Tarefa continua. O homem, ao leme da Nau, impellido pela ordem da Divindade ou do Herói, aniquilado e por vêzes transmutado em semi-deus (como Dom João II), tem de continuar enfrentando o Mostrengo. Assim como Fernando Pessoa vê numa nova espécie de mito íbero e céltico — Viriato — a reencarnação do mito grego — Ulisses — semi-deus e navegador que impele o herói português a enfrentar um nôvo mito nacional — o Mostrengo vencido e o Encoberto revelado — Bilac também parte do mito grego — OEdipo, Argus — que vê redivivo nos deuses “da idade escura dos Celtas”. É pelo menos isso que me sugere, no caso de Bilac, a epígrafe tirada por êle da “História de Portugal”, de Oliveira Martins, colocada no início de um povo e que é, por si só, altamente significativa da idéia central de “Sagres” e de “Mensagem”: “Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhado até a costa, que, no templo circular do Promontório Sacro, se reuniam à noite os deuses, em misteriosas conversas com êsse mar cheio de enganos e tentações”. Lendo êsse texto de Oliveira Martins, somos

tentados a “divisar a Voz Ibérica vinda de Portugal até o Brasil, pelas “águas consagradas” de Camões, consagradas pelos mais míticos da Cruz de Cristo, e, voltando à Península, pela voz de Bilac, para ser escutada de nôvo, no Promontório Sacro, por Fernando Pessoa — aquele outro — isto é, a voz de Camões, o Caolho, retomada por Bilac, o vesgo e devolvida depois pela ave marinha e portuguesa de chapéu negro. Sim, porque Bilac também vê o Herói-Navegador vencendo o Mito marinho, português e camoniano dos Cabos das Tormentas, das “pontas encantadas”, dos Bojadores que, como os marcos de Diogo Cão, marcam a Distância e mostram etapas que o homem vai vencendo na sua sêde de Absoluto: Na verdade, parecem de Fernando Pessoa êstes versos de Bilac:

Vencido, o peito arquejante,
levantado em furacões,
cheia a bôca e regougante
de espuma e de imprecações,

rasgando, em fúria, às unhadas
o peito, e contra os escolhos
golfando, em flamas, iradas,
os relâmpagos dos olhos,
louco, ululante e impotente

como um verme, — Adamastor
verá pela tua gente
galgado o Cabo do Horror!

Êsse desejo de “galgar o Cabo do Horror” contado por Bilac, é o mesmo de “dobrar o Assombro”, de F. Pessoa, é o desejo de vencer o inominável que atrai sempre o homem. É êle que ressoa em Bilac na “voz da Tentação”, em Fernando Pessoa na “voz da terra ansiando pelo mar”, pois é pela luta contra o mar do mundo que o homem se transcende em Herói ungido e divino. Essa Voz, Fernando Pessoa a entrevê como um arroio que busca o mar:

Arroio, êsse cantar jovem e puro
busca o oceano por achar;
e a fala dos pinhais, marulho obscuro,
é o som presente dêsse mar futuro,
é a voz da terra ansiando pelo mar.

Bilac põe Dom Henrique, solitário e grande, diante do mar, que êle também entrevê como um ponto de chegada para

rios e arroios que passaram por cidades reais e por selvas (os pinhais de Fernando Pessoa) e que, ao mesmo tempo, ameaça o Herói com a morte que está além e tenta-o com a Voz, com o Chamado, que lhe enche a alma de asas e aspirações:

Promontório Sagrado! Aos teus pés, amoroso,
chora o monstro! Aos teus pés, todo o grande poder,
tôda a fôrça se esvai do Oceano Tenebroso!
Que ansiedade lhe agita os flancos? Que segrêdo?

Que rios, através de selvas e areiais
vieram nele encontrar um túmulo ignorado?
Se tudo é morte além, porque, a sofrer, sem calma,
erguendo os braços no ar, havemos de sentir
estas aspirações como asas dentro da alma?

E torturado e só, sôbre o penhasco a pique,
com os olhos febris furando a escuridão,
queda como um fantasma o Infante Dom Henrique...
Entre os zimbros e a névoa, entre o vento e a salsugem
a voz incompreendida, a voz da Tentação
canta ao surdo bater dos macaréus que rugem.

Como se vê, até a “febre de Além” e “a voz da terra ansiando pelo mar” de Fernando Pessoa podem ser transposições inconscientes dos “olhos febris” do Infante, da “morte além” e da “voz da Tentação” de Bilac. E às vêzes a ressonância (ou semelhança) é tão grande, que uma pessoa que conheça a “Mensagem” e só depois o “Sagres” identifica como do português os versos do Brasileiro. Fiz essa experiência: reuni, de propósito, um extrato dos versos de “Sagres” que mais me lembravam os de Fernando Pessoa e submeti-os a pessoas, dois dos quais eram críticos literários, três poetas um leitor amante de poesia: todos atribuíram o poema a Fernando Pessoa. Um dêles, Fernando José da Rocha Cavalcanti grande ledor e antigo admirador de Fernando Pessoa — em cuja poesia, aliás, êle e José Laurênio de Melo me iniciara aí por 1948 — chegou a dizer que o poema, se não fôsse de Fernando Pessoa, era de uma pessoa que tinha tentado, numa só obra, fazer uma síntese da obra inteira de Fernando Pessoa e que às vêzes chegaram à cópia, nessa tentativa; citou textualmente os versos “vences o Mar Tenebroso ficas senhor do Destino” e “Verás pela tua gente galgado o Cabo do Horror” como cópia de Fernando Pessoa.

Outra idéia comum aos dois poetas que venho comparando é aquela de que o grande feito português foi a Ousadia de ras-

gar o véu de bruma do mar e decifrar o Segrêdo. Esta idéia está presente no poema de “Mensagem” intitulado “Ocidente”:

A mão que ao Ocidente o véu rasgou,
foi alma a Ciência e corpo a Ousadia
da mão que devendeu.

Em Bilac, a mesma idéia já tinha despontado, num verso que, sem dúvida, é daqueles que os leitores de hoje, mais leitores de Fernando Pessoa do que Bilac, atribuiriam ao primeiro:

Ao largo, Ousado! o segrêdo
espera com ansiedade
alguém privado de medo
e provido de vontade.

A vontade humana, enlouquecida pelo sonho, é chamada, pela voz da Tentação, a devendar a noite e a cerração, vencendo o Mar, que Fernando Pessoa avista como uma floresta de medos, de navios e corais, e que o seu Visionário entrevê como um obstáculo a vencer para, revelado o Encoberto, ter afinal o homem direito a receber a verdade iluminada:

Ó Mar anterior a nós, teus medos
tinham coral a praias e arvoredos,
Desvendadas a noite e a cerração,
as tormentas passadas e o mistério,
abria em flor o longe, e o sul sidério
esplendia sôbre as naus da iniciação...

O sonho é ver as formas invisíveis
da distância imprecisa, e, com sensíveis
movimentos da esperança e da vontade,
buscar na linha fria do horizonte
a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
os beijos merecidos da verdade.

No poema de Bilac, também o Sonhador vê nas águas do mar corais, galeões, mastros, e a luz do dia vem coroar a visão evocada por um mito marinho — assim como a Verdade de Fernando Pessoa coroa a visão do Horizonte português vista no mar:

Longa e cálida, assim fala a voz da Sereia...
E o olhar do Infante vê, na água que vai e vem,
desenrolar-se vivo o drama das Conquistas.
Todo o oceano referve, incendiado em diamantes,
desmanchado em rubis. Galeões descomunais,
crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,
continentes de fogo, ilhas resplandecendo,
costas de âmbar, parcéis de aljofres e corais,

surgem redemoinhando e desaparecendo...
E o dia! — A bruma foge. Iluminam-se as grutas.
Dissipam-se as visões.

De vez em quando, como se vê, aparece no poema de Bilac essa imagem da Voz que tenta o visionário; antes, foi a voz da Tentação, aqui é a voz da Sereia, que acena para êle com a visão de continentes de fogo e, sobretudo, — sonho eterno do homem — essas “ilhas resplandecentes” que todos nós desejamos para nos isolar, recanto acolhedor dentro de um mar hostil. Fernando Pessoa canta essas “ilhas afortunadas” que a Voz nos instila no sangue:

Que voz vem no som das ondas
que não é a voz do mar?
É a voz de alguém que nos fala,
mas que, se escutarmos, cala,
por ter havido escutar.

São ilhas afortunadas,
são terras sem ter lugar,
onde o Rei mora esperando,
mas se vamos despertando,
cala a voz e há só o mar.

Entretanto, para que a semelhança fôsse maior ainda, Bilac também já cantara essas mesmas “ilhas afortunadas”, fazendo um novo jôgo poético de palavras entre o nome e o símbolo; em seu poema, a menção a essas ilhas também aparece como ditada por uma voz; e dispondo de propósito seus alexandrinos como se fôsem versos de seis sílabas, para acentuar a semelhança deles com os de Fernando Pessoa:

É que o Sonho lhe traz
dentro de um pensamento
a alma tôda cativa...

“Terras da Fantasia!
Ilhas Afortunadas!

Virgens sob a meiguice
e a limpidez do céu,
como ninfas à flor
das águas remansadas!

— pondo o rumo das naus
contra a noite horrorosa,
quem sondara êsse abismo
e rompera êsse véu”?

Êsses dois alexandrinos finais de Bilac podiam, quase tão bem quanto os outros versos que citei do próprio Fernando Pes-

soa, resumir a idéia poética central de “Mensagem”. A Noite, o caos, o segrêdo, o monstro, desafiam o homem. Êste, porém, impellido pelo Sonho divino que o enlouquece, põe o rumo das Naus contra êles e triunfa por ter rompido o Véu, empreendendo o impossível. E termino as comparações dizendo que essas Terras da Fantasia, essas Ilhas Afortunadas que Bilaque entreviu primeiro, essa Conquista e essas crespas Naus que êle fêz Dom Henrique ver nas ondas salgadas do Mar, reaparecem num poema de Fernando Pessoa que contém em si tôda a idéia central de “Mensagem” — com sua Costa longínqua que se pressente, com sua Ilha próxima e remota, com seu País Afortunado onde um Rei desterrado está encoberto, velado pela Cerração que é preciso dissipar e pelo Véu que é preciso rasgar:

Que costa é que as ondas contam
e se não pode encontrar
por mais naus que haja no mar?
O que é que as ondas encontram
e nunca se vê surgindo?
Êste som de o mar prajar
onde é que está existindo?

Ilha próxima e remota,
que nos ouvidos persiste,
para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
pode encontrar o caminho
à praia onde o mar insiste,
se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço
que dêem para o outro lado,
e que, um deles encontrado,
aqui, onde há só sargaço,
surja uma ilha velada,
o país afortunado
que guarda o Rei desterrado
em sua vida encantada?

E tenho que concluir confessando que, como sempre, em meus ensaios, o Demônio da criação me tenta mais do que a musa da Exegese. Talvez a maior tentação, o maior encanto que achei ao conceber êste mito sôbre a parcela da verdade que tudo se encanta tenha sido a Dúvida em que até hoje permaneço. Mas se mesmo assim insisti em revelar o que vi — essa Ilha dos Açores, isto é, dos gaviões — colocada no centro marinho do Reino Mítico que é o Atlântico, a meio caminho entre o Brasil e a África, mediadora do caminho asiático para as Índias. Porque para mim — ao contrário do que acontece nor-

malmente com os brasileiros que valorizam a “tradição portuguesa” — êste é o caminho brasileiro, o caminho africano e asiático, o caminho do chamado Terceiro Mundo, único caminho pelo qual podemos ser fiéis ao que Portugal representou nos séculos de nossa formação e ao qual está sendo, agora, infiel. E, numa idéia que, pelo visto, seria talvez cara aos dois Poetas aqui comparados, bem pode ser que o olhar claro e iluminado da Crítica venha um dia, com sua lucidez de Argus, dar um corpo consistente e inteligível àquilo que por enquanto é apenas uma Visagem — o sonho poético de um simples e modesto visionário.

ROMANCES DE GRACILIANO RAMOS A REINVINDICAÇÃO SOCIAL NO DIÁLOGO

JOEL PONTES

Uma primeira observação de quem estuda o diálogo nos romances de Graciliano Ramos: *Caetés* (1933) tem que ser examinado à parte. Levando-se em conta que só foi publicado cinco anos depois de escrito (R. Morel Pinto, op. cit.) ou nove anos depois (H. Pereira da Silva, op. cit.) mas sobretudo examinando-se o que significa junto aos demais romances, pode-se dizer com justiça que o diálogo aí aparece muito e vale pouco enquanto nas obras posteriores de Graciliano Ramos dá-se exatamente o contrário: por ser escasso e utilizado em última instância, sobe de valor como componente estético e documento da realidade.

Em *S. Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), romances de pessoa como o anterior, os personagens-autores preferem contar o conversado a conversar diretamente, e no romance de 3ª. pessoa, *Vidas Secas* (1938), uma explicação inicial que aqui vai transcrita nos poupa, de momento, a maiores detalhes: “Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” (p. 12).

Escritor de emoção recolhida e muito cuidadoso de evitar as redundâncias e incoerências naturais da conversa. Graciliano Ramos refugia-se na vida interior dos personagens, reduzindo assim a pensamentos e frases soltas tudo aquilo que podia ter expressão no diálogo e desta maneira reforçar o fundo social tão nítido que acompanha seus romances à guisa de paisagem. Além disso, êle focaliza os personagens em momentos de crise, quando examinam a vida em busca de uma ordenação mental num ato que é também de purgação de culpas. Então, por essa